

AS MARCAS DO ENVOLVIMENTO NO EPITÁFIO

Emiliana Souza Soares Fernandes*¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo geral identificar as marcas de envolvimento no gênero epitáfio. Para tanto, fizemos a análise de um *corpus* constituído de 10 epitáfios coletados em um cemitério situado em Natal. Partimos da hipótese de que apesar do envolvimento, em alguns estudos, ser mais evidenciado na modalidade oral e em outros recursos paralingüísticos, foi possível observar marcas lingüísticas que nos forneceram subsídios para ratificar nossas elucidações sobre o fenômeno do envolvimento no referido gênero. A pesquisa teve como suporte teórico, principalmente, estudos sobre o envolvimento de Chafe (1982; 1985); Tannen (1989); Galvão (2004) e Rodrigues (1994). Visando a analisar vários epitáfios com o objetivo de constatar a presença desses fenômenos lingüísticos. Igualmente, pudemos descrever esse “fúnebre gênero” à luz dos fundamentos bakhtinianos, situando-o historicamente. Constatamos ainda que o supracitado gênero sofreu várias mudanças.

Palavras-chave: Epitáfio. Gênero. Envolvimento. Escrita. Oralidade

RESUMEN

El presente trabajo ha tenido como objetivo general identificar el fenómeno del “envolvimiento” del género epitafio. Con este fin, hemos analizado un *corpus* constituido de 10 epitafios colectados en un cementerio de la ciudad de Natal. Hemos partido de la hipótesis de que aunque se haya observado el envolvimento, en algunos estudios, se ha evidenciado más acentuadamente en la modalidad oral y en otros recursos paralingüísticos, ha sido posible observar marcas lingüísticas que nos han dado subsidios para ratificar nuestras elucidaciones sobre el fenómeno del envolvimento en el género estudiado. La investigación ha tenido como base teórica, principalmente, estudios sobre el envolvimento de Chafe (1982; 1985); Tannen (1989); Galvão (2004) y Rodrigues (1994). Hemos apuntado hacia el análisis de varios epitafios con el objetivo de constatar la presencia de ese fenómeno lingüístico. Igualmente, hemos descrito ese “fúnebre género” a la luz de los fundamentos bakhtinianos contextualizados historicamente. Constatamos aún que el género ha sufrido varios cambios.

Palabras-clave: Género. Epitafio. Envolvimento. Escrita. Oralidad.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Letras-Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Este trabalho tem por objeto o estudo da presença da concepção de envolvimento formulada por Chafe (1985) no gênero epitáfio.

Neste trabalho, retomamos o estudo de SOARES (2007), no qual aborda a presença do *ethos* (MAINGUENEAU e CHARAUDEAU, 2006) no gênero discursivo epitáfio.

O *corpus* analisado no âmbito deste relatório, constitui-se de 10 epitáfios coletados em um cemitério em Natal-RN. Dessa forma, foram selecionados dados empíricos para as análises.

Neste trabalho, detectamos e observamos a presença do envolvimento nesse gênero fúnebre. Tendo-se constatado questões interligadas a essa concepção, ressaltamos que, apesar do fenômeno do envolvimento desenvolvido por Chafe (1985) tratar, primordialmente, da relação de interação entre interlocutores numa situação de diálogo, algumas de suas idéias podem servir para análises que não estejam restritamente direcionadas à oralidade. Assim sendo, o que percebemos e pretendemos demonstrar em nosso trabalho é que muitas de suas concepções sobre o envolvimento podem ser aplicadas à modalidade escrita, principalmente, em se tratando de gêneros em que há uma forte expressão de afetividade e de textos nos quais o locutor não consegue ficar indiferente ao assunto abordado, como o que ocorre no gênero tumular (epitáfio).

Mapeamos o processo de transformação desse gênero, conforme Bakhtin (2003).

Considerando-se a inexistência de estudos articulando o epitáfio com o envolvimento, propomo-nos a realizar este relatório, uma vez que virá a preencher uma lacuna, embora não seja nossa pretensão esgotar o tema.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nossa pesquisa se caracteriza tanto como uma pesquisa de campo (coleta de dados no Cemitério do Alecrim, Natal-RN), como bibliográfica (levantamento da literatura, estudo da bibliografia). Para coleta dos dados, usamos câmera digital.

Em seguida, utilizamos os referenciais teóricos para analisar alguns epitáfios selecionados do *corpus* coletado. Para melhor explanação das nossas idéias, apresentamos, concomitantemente, os nossos posicionamentos teóricos e os dados recolhidos, que foram apresentados na forma de foto e transcrição dessas mesmas fotos. Por fim, esclarecemos que nossa pesquisa seguirá a abordagem qualitativa de natureza interpretativista.

3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

3.1 RELAÇÃO FALA/ ESCRITA E ENVOLVIMENTO

Os estudos sobre a temática da relação fala/escrita são amplos, por isso nos restringiremos à abordagem da bibliografia que se encontra mais relacionada aos objetivos de nossa investigação. Enfatizaremos, dessa maneira, nossas discussões nos estudos que direcionam as diferenças e naqueles que centralizam o contínuo entre as duas modalidades.

Constatamos que os primeiros estudos no que concerne à língua falada e língua escrita focalizaram apenas na maioria das vezes, diferenças do ponto de vista estritamente lingüístico, sem preocupação com o contexto em que cada uma é produzida.

A priori, é válido considerar que consoante Marcuschi (2001), encontramos um grande número de textos produzidos em condições naturais e espontâneas nos mais diversos domínios discursivos da oralidade e da escrita. Nessa perspectiva, a escrita e fala não devem ser consideradas absolutamente opostas, apenas diferenciadas.

Tannen (1989) aborda essas duas modalidades como sendo partes de um contínuo, existindo somente diferenciação entre os gêneros pertencentes a elas, quanto ao grau de formalidade. O que é reforçado por trabalhos como o que estamos realizando, que aponta em gêneros escritos características que, supostamente, pertenceriam só a oralidade.

Nesse sentido, é válido considerar que a fala não está em um patamar superior à escrita e nem a escrita à fala. Apesar de alguns teóricos mostrarem que a fala é anterior e mais difundida do que a escrita, isso, todavia, só incitou e reafirmou uma dicotomia entre essas modalidades. Assim, passamos a entender que cada uma possui suas peculiaridades, ou seja, “às diferenças formais entre fala e escrita são decorrentes dos dados estudados que, poderíamos dizer, representam os dois extremos do contínuo fala e escrita” (RODRIGUES, 1994, p. 42), uma vez que Chafe (1982, *apud* RODRIGUES, 1994, p. 42) diz que

[...] parte da constatação a que chegaram alguns autores de que as diferenças na ordem de produção da fala e da escrita provocam as diferenças lingüísticas. Para ele a língua escrita e a língua falada diferem uma da outra de mais de uma forma, além do meio no qual são produzidas.

Nesse contexto de estudo da oralidade, surgem discussões sobre os gêneros mais comuns e, na perspectiva da Análise da conversação, sobre a forma como se organiza a linguagem na situação de diálogo. Evidentemente, essas duas teorias não foram as únicas a serem tratadas nesse contexto, mas são os que mais interessam ao presente trabalho, porque foram os principais avanços que nos possibilitaram chegar ao nosso foco de estudo, a saber: a concepção de envolvimento no gênero epitáfio.

Os principais projetos desenvolvidos no âmbito da concepção do envolvimento dizem respeito às relações existentes entre os interlocutores na situação de fala, ou seja, analisam a produção oral. Dessa forma, há trabalhos, entre eles, os estudos de Chafe (1982) que até negam uma possível concepção do envolvimento na escrita. Consoante esta idéia, a diferença estrutural entre os meios pelos quais se dão os discursos nessas duas modalidades, a falada e a escrita, seria determinante para identificar elementos do envolvimento, que entrariam no discurso falado como recursos essenciais a sua natureza fragmentada, tendo em vista conforme Chafe (1985, p. 105):

[...] o fato de que a escrita é vagarosa, deliberada, é um processo editável enquanto a fala feita no fluxo leva à diferença que chamei de qualidade integrada da linguagem escrita oposta à qualidade fragmentada da fala. O fato de que a escrita é uma atividade solitária enquanto a fala tipicamente acontece num meio de desenvolvimento social leva a língua escrita a ter uma qualidade afastada que contrasta com o envolvimento da língua falada.

É, basicamente, nesse pressuposto que se desenvolve a teoria do envolvimento. Muitos especialistas vão se deter a estudar esses elementos implementadores que compõem a relação conversacional. Entre estes, Gumperz (1982, *apud* GALVÃO, 2004 p. 61) ressalta a importância do envolvimento entre os interlocutores para que haja uma melhor compreensão lingüística. Para ele, existem elementos, na interação, verbais ou não-verbais que contribuem para manutenção da comunicação, considerando a já referida fragmentação dessa modalidade.

Seguindo esta mesma linha de idéias, Tannen (1989, p. 12) afirma que para que haja um diálogo eficaz é necessário construir uma teia de convenções entre os interlocutores, além de uma postura cooperativa entre eles. Desta forma, ela concebe o envolvimento como sendo a capacidade de entender, na formulação do discurso, como se dá a interação e de saber qual é o papel do outro. Esse outro que vai ser extremamente ativo, nesse processo, visto que não há comunicação, se ele não consegue

inferir acerca dos conhecimentos veiculados pelo enunciador. Conforme Tannen (1989 p. 12), o envolvimento é “uma conexão interna, mesmo emocional que os indivíduos sentem e que os liga a outras pessoas, lugares, coisas, atitudes, memórias e palavras”. Isto é, não se trata apenas da mera alternância em turnos de fala, de conhecimento compartilhado ou de elementos complementadores de uma modalidade fragmentada; mas também das marcas de subjetividade extremada encontradas na fala.

Na visão dessa estudiosa, consoante Galvão (2004), na enunciação o interlocutor e o ouvinte incluem “elementos do discurso um do outro” (GALVÃO, 2004, p. 62). Nesse sentido, ocorre a projeção do ato de ouvir quando os interactantes falam. Nessa conjectura podemos, segundo Tannen, relacionar essas questões por meio da visão bakhtiniana. Para tanto, “a palavra procede de alguém e é dirigida a alguém [...], é o produto da interação entre falantes e ouvintes”. (TANNEN, 1989, p.12, *apud* GALVÃO, 2004, p.62)

A lingüista americana examina os dados de conversação por meio de duas perspectivas que ela nomeou de estratégias do envolvimento. A primeira prima pelo som. Nesta estratégia usa-se: da repetição de fonemas, palavras, etc; seqüências discursivas mais longas, até pelo fato do discurso falado possuir maior número de pormenores; as figuras de estilo próprias da oralidade; e o ritmo na sucessão dos atos de fala. A segunda estratégia diz respeito à construção de significados no ato de fala (os interlocutores têm que preencher as lacunas deixadas no discurso) com o tratamento semântico dado aos interlocutores.

No que concerne a este último quesito da segunda estratégia, a sua temática semântica de relação vai ser mais estudada pelos especialistas Eggins e Slade (1997, *apud* GALVÃO, 2004). Segundo Galvão (2004, p. 69), estas duas lingüistas “referem-se ao envolvimento como um dos grupos semânticos usados pelos interactantes para realizar, construir e variar o nível de intimidade na interação”. Assim sendo, o grau desta intimidade poderia ser determinada pela forma como um se destina ao outro. O uso de apelidos, por exemplo, demonstra um grau de intimidade maior do que o nome próprio; assim como, o uso de um pronome de tratamento demonstra um grau de intimidade menor do que um pronome do caso reto.

Deixando de lado a estrutura e os princípios semânticos que ordenam o envolvimento conversacional, ressaltamos ainda as marcas lingüísticas que foram

estudadas por Chafe (1985). Ele diz que, no diálogo, temos três formas diferentes de envolvimento: o ego-envolvimento que, como próprio nome já diz, é a marca do “eu”, locutor, no diálogo; o envolvimento com o outro, que compreende um conhecimento intersubjetivo; e o envolvimento com o tema tratado. Essas formas de envolvimento seriam evidenciadas por marcas lingüísticas. No primeiro caso, por exemplo, verbos em primeira pessoa e o uso do “nós/ a gente” e do “eu” são consideradas marcas desse ego-envolvimento, ou seja, a referência à primeira pessoa é uma questão do envolvimento, uma vez que o envolvimento do falante será apresentado através da referência do falante consigo. Para Chafe (1985, *apud* Galvão, 2004) a referência à primeira pessoa é menos freqüente na modalidade de língua escrita. O uso de elementos da linguagem fática é o exemplo maior do envolvimento com o outro. Quanto à última forma de envolvimento, é evidenciada no uso de palavras que demonstram um julgo sobre o tema tratado; podendo ser um termo que determine vagueza ou, contrariamente, exprima exatidão e exagero.

O envolvimento do informante com o conteúdo da matéria corresponde à avaliação que o produtor faz sobre o que está abordando. O uso de vocabulário expressivo é muito importante, porque permite ao leitor perceber a posição do produtor em relação ao tema. (RODRIGUES, 1994, p. 86).

Como já foi dito antes, o envolvimento é estudado na oralidade, por ser ponto comum entre os estudiosos que essa modalidade possuiria a necessidade das marcas de envolvimento citadas para cobrir as falhas de informação encontradas em seu discurso desfragmentado. A escrita é vista então como sendo integral, e, como não há uma relação face a face na escrita, não se poderia falar em envolvimento nessa modalidade. Convém assinalar que na oralidade os falantes possuem um contato face a face com a pessoa com que estão falando. Dessa maneira, significa que em uma situação interacional falante e ouvinte consideram, de forma significativa, o conhecimento determinado pelo ambiente de conversação. Porquanto, o falante poderá regular o efeito do que ele enuncia e o interlocutor poderá fornecer sinais de compreensão ou solicitar esclarecimento sobre o que ambos conversam.

A escrita está marcada pela idéia do afastamento. Todavia, alguns estudos mais recentes tendem a discordar dessa perspectiva de afastamento na escrita. O exemplo que nos é mais próximo é o de Rodrigues (1994, p.46) que, em sua dissertação de mestrado,

afirma: “Embora o envolvimento seja para Chafe (1985, p. 116) peculiar à linguagem falada, nós o procuramos em textos escritos por alunos de 1º Grau”.

3.2 GÊNERO

Nesta seção, discutiremos e estaremos discorrendo acerca dos gêneros discursivos a partir da perspectiva bakhtiniana. É importante assinalar que Bakhtin (2003) explicita três dimensões essenciais e indissociáveis dos gêneros do discurso: tema, forma composicional e marcas lingüísticas (estilo). O tema define-se como o assunto que vai tratar o enunciado em questão, a mensagem transmitida; já a forma composicional alude à estrutura formal propriamente dita; e, por fim, o estilo leva em conta questões individuais de seleção e opção: vocabulário, estruturas frasais e preferências gramaticais. Para tanto, os enunciados pertencem à determinada esfera da atividade humana; são devidamente localizados em um tempo e espaço (condição sócio-histórica) e dependem de um conjunto de participantes, suas vontades enunciativas ou intenções. Bakhtin (1992, p. 43), ao anunciar o problema dos “gêneros lingüísticos”, observa que “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica”. Pode-se dizer, assim, que gênero é um dispositivo de linguagem instituído sócio-historicamente e, para figurar com as palavras do autor, “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciado, os quais denominam *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2003, p. 262). [grifos nossos]

3.3 EPITÁFIO

Nesta seção, discorremos sobre o termo *epitáfio*, o qual se originou de duas palavras gregas: *epi*, prefixo que designa “posição superior” (sobre), e *taphos*, radical que significa “túmulo”. Os epitáfios são na maioria das vezes, uma composição em versos elegíacos dedicados à memória do morto e colocados também sobre mausoléus e campas cemiteriais para homenagear pessoas ali sepultadas, normalmente escritos em placa ou pedras. As inscrições tumulares agregam informações biográficas e, eventualmente, breves palavras ou frases lisonjeiras para o defunto. Em latim era escrito *epitaphium*. Antes de os símbolos da linguagem serem criados, já havia marcas, riscos que eram postos sobre o local em que estava enterrado o defunto. Mas considerando um sistema lingüístico completo, é nos egípcios em que achamos os primeiros textos exemplares do gênero. Nesse contexto, havia dois principais objetivos com os epitáfios, o de venerar os mortos e o de fazer viver seus nomes.

Dentre os inúmeros gêneros do discurso - como, por exemplo, palestras, cartas, telefonema, entre outros, podemos destacar os *epitáfios*, inscrições tumulares que apresentam uma constante ligação entre a morte e a vida, ou seja, uma vivacidade por meio de um pseudo-diálogo entre os vivos e os mortos.

Desde a antiga civilização egípcia, era costume gravar nos sarcófagos informações biográficas que podiam notificar uma oração aos deuses para proteção do cadáver ou certa veneração pelos mortos. Os historiadores ressaltam que os primeiros epitáfios foram dos egípcios, que obtiveram um modelo uniforme: começam por uma prece a uma divindade, geralmente dedicada a Osíris ou Anúbis, seguida de nome, ascendência e títulos do defunto.

É importante frisar que, na época clássica (greco-romana), os escritores desse período acrescentaram ao epitáfio um valor literário com o panegírico dos defuntos em forma de verso. A partir desse momento, o epitáfio aproxima-se do epigrama, da elegia e do pranto. Essa forma de epitáfio pode incluir ainda uma prece aos deuses, não só para proteção das almas, mas eventualmente para aviso dos vivos, caso se referisse a um indivíduo amaldiçoado.

Como todo gênero é suscetível às transformações, não podia ser diferente com o “breve elogio ao morto” (DICIONÁRIO MICHAELIS-UOL). O epitáfio passou de um breve “epigrama” e de uma “elegia” – poema pequeno consagrado ao luto e à tristeza – (DICIONÁRIO MICHAELIS-UOL) a uma breve mensagem contendo a biografia do morto, isto é, nome, data de nascimento marcado pela estrela (*) e de morte marcado pela cruz (†). Enquanto alguns são expostos como as últimas palavras do defunto ou “um canto” oriundo dos amigos e/ou dos entes queridos, outros contêm apenas pequenos trechos bíblicos.

Após esse percurso teórico, encontramos instrumentos para proceder à análise do *corpus*.

4 ANÁLISE DO *CORPUS*²

4.1 ASPECTOS DIALÓGICOS DO ENVOLVIMENTO NO EPITÁFIO

O envolvimento constitui-se de dois movimentos: o do enunciador em direção ao tema e ao alvo de sua enunciação; e o do co-enunciador no sentido de compreender e,

² Os textos do *corpus* foram transcritos “ipsis litteris” do original. As fotos foram tiradas pela autora do texto

por vezes, complementar as informações que lhe são veiculadas. Um dos pontos trabalhados nos estudos do envolvimento diz respeito à sucessão de falas em turnos por meio da nomeação, dessa maneira, se direciona o foco do ato de comunicação e se estabelece uma organização na maneira como os turnos de fala se alternam, estabelecendo um ritmo na forma como se constitui a interação discursiva. Na maneira de se dirigir ao outro, ainda é possível notar o grau de intimidade entre os interactantes.

Constatamos no epitáfio 1 a presença dos pontos de interrogações, os quais demarcam o turno de fala, ratificando a sucessão da fala: “A vida! O que é a vida? Não se pega e não se vê/ Que ingenuidade querida/ Pra mim ela é você”

Destacamos também que o falecido também faz o papel de locutor e interlocutor, uma vez que ele elabora as perguntas e o próprio falecido Alberto Wanderley responde aos questionamentos feitos, provavelmente escritos quando este ainda estava vivo. Como se nota no fragmento exposto acima.

Em alguns epitáfios, temos a fala do morto que se intercala e é ordenada pela dos vivos. Todavia, observa-se marcas lingüísticas as quais mostram que as três primeiras linhas do epitáfio foram escritas pelos parentes do morto: Morreu como viveu/ Santamente e por amor. Presença constante/ No coração dos que o amam.

Percebemos que o artigo “o” retoma implicitamente, o referente Alberto Wanderley.

No exemplo (1) o que delimita e indica a fala do morto não é a nomeação, mas a presença de marcas tipográficas. As aspas do trecho: “A minha esposa. Francisquinha” indicam que o texto proferido não pertence aos entes queridos, senão ao falecido, dessa forma podemos inferir que este texto foi escrito quando ele ainda era vivo, em homenagem a sua esposa Francisquinha.

Texto (1)-Epitáfio (1)



Transcrição do original:
Morreu como viveu
Santamente e por amor. Presença
constante no coração dos que amam.
“A minha esposa Francisquinha”
A vida! O que é a vida?
Não se pega e não se vê
Que ingenuidade querida
Pra mim ela é você
A morte. O que é a morte?
Ninguém a quer mais porque?
Eu teria muita sorte
Se morresse com você

Nos epitáfios é possível notar esse estranho pseudo-diálogo entre os vivos e o morto. Uma questão que poderia ser levantada, fora do contexto social, é como alguém

pode endereçar um texto a uma pessoa que não poderá ler, no caso, o morto. Todavia, essa questão não é cogitada, em virtude da já referida atividade do co-enunciador, estudada por Tannen (1982, p. 10), que se constitui na “habilidade de inferir globalmente acerca do que é a interação e o que se espera da participação de alguém; localmente, também, o que cada enunciado significa”. Conforme a lingüista, a habilidade de interpretação está ligada ao conhecimento das convenções que constroem o contexto no qual está inserido o texto. Um diálogo entre vivos e mortos só pode ser compreendido numa sociedade que acredita em vida após a morte.

Dessa forma, temos, no texto (2), um exemplo de texto no qual a enunciatória se direciona ao marido falecido, como se este pudesse ler a sua própria lápide.

Epitáfio (2)

Transcrição do texto original:

O AMOR É A RAZÃO PRIMORDIAL DA VIDA, E
VOCÊ QUERIDO MÁRIO MAX, É UM EXEMPLO
DESSE SENTIMENTO. TRADUZIDO NA SUA
SINCERIDADE, COMPANHEIRISMO, BONDADE,
HONESTIDADE, INTEGRIDADE, LEALDADE,
COMPETÊNCIA, GENEROSIDADE, INTELIGÊNCIA,
MAS A SUA MAIOR LIÇÃO É A DE CORAGEM.
VOCÊ PERMANECE EM NOSSOS CORAÇÕES COMO
INSPIRAÇÃO DE VIDA E, TÊ-LO EM NOSSO
CAMINHO É MOTIVO DE MUITA FELICIDADE,
PORQUE NOSSO ELO DE AMOR É ETERNO E
INDESTRUTÍVEL.
ETERNA SAUDADE DE SUA FAMÍLIA QUE LHE

Consoante estudos realizados por Rodrigues (1994) sobre aspectos do envolvimento presentes em textos de alunos do ensino fundamental, haveria uma relação entre a presença de marcas de envolvimento emocional do enunciador no texto e o comando da questão que dá origem a redação. Aceitando a idéia dessa autora, propomos uma relação entre essas marcas e as circunstâncias que delimitam a situação de uso do gênero. No texto tumular, a necessidade de expressar um alto grau de intimidade com o morto é extremada pelos sentimentos da família, que tenta prestar a última homenagem ao falecido. Então, as marcas que implicam “uma conexão interna, mesmo emocional que os indivíduos sentem e que os liga a outras pessoas, lugares, coisas, atitudes, memórias e palavras” (TANNEN, 1989, p.12) estão mais presentes do que em outros textos, pessoais e informais.

Dessa forma, o envolvimento está na subjetividade evidenciada no texto, que pode ser expressa de diversas formas. Mas o que queremos frisar, com base no texto (2), é que a afinidade pode se expressar na ordem de importância dada às características do

tema. Assim, temos no texto (2) o uso de uma sequência de qualidades dadas ao “co-enunciador” / tema do epitáfio. Dentre essas qualidades, por meio do advérbio “Maior”, a “coragem” é ressaltada, indicando, assim o conhecimento da medida exata, por parte da enunciativa das qualidades do falecido Max. Essa ordem na qual se privilegia uma das características dadas ao outro mostra a afinidade existente entre a personalidade do morto e a responsável pelo texto.

REPETIÇÃO COMO MARCA DE ENVOLVIMENTO

Tannen (1989) tratou do envolvimento em duas perspectivas: uma que primava pelo som, sendo evidenciada na repetição de segmentos do discurso; outra que evidenciava o preenchimento de lacunas no discurso alheio e a forma como o enunciador se retrata ao seu co-enunciador. A maior parte das conclusões a que se pode chegar, nessas duas perspectivas, é referente à oralidade. Inclusive, esse foi o objetivo da pesquisadora. Todavia, com algumas pequenas adaptações, elas serão utilizadas nesta análise de epitáfios.

No que se refere a repetição, Tannen (1982) mostrou que alguns conectivos tendem a ser repetidos no discurso falado. Como exemplo, ela mostrou um diálogo em que se repete varias vezes o uso do “end”. Em um dos epitáfios por nós analisados, notamos que ocorre um processo semelhante.

Texto (3): “Ele foi bom e justo e grande é a nossa dor e maior a nossa saudade.”

Epitáfio 3

Transcrição do original:

Epitáfio 3

JOÃO TINÔCO FILHO
*07/01/1908 + 21/08/1980
“ELE FOI BOM E JUSTO E
GRANDE É A NOSSA DOR E
MAIOR A NOSSA SAUDADE”

O exemplo do texto (3) mostra como o recurso da repetição pode ser usado no texto tumular. Para não utilizar uma estruturação sintática que esmorecesse a mensagem, o autor utiliza o mesmo elemento concatenador. No texto (4) veremos a repetição não como mera aliteração, ou assonância, mas com elementos conectivos, exemplos usados para explicar as

Transcrição do original:

Epitáfio 4

9/3/880
ELISA GUIMARÃES
11/8/1922
“MORRESTE MÃE. SUBISTE PARA O
CÉU. MAS, NO MUNDO DEIXASTE
ETERNO E TRISTE NOSSO PRANTO
PROFUNDO.”

repetição como elemento reintegrador pode se dar na tentativa de se ter um reforço semântico de uma idéia já expressa no texto.

Texto (4)

“Morreste mãe. Subiste para o céu.”

“Partiste [...], pois assim o destino o quis.”

Essa tentativa de reforçar uma idéia, repetindo-a com outras palavras ou simplesmente afirmando que algo é “porque é”, é conhecidamente um vício de linguagem, chamado de tautologia. Apesar de ser um mau exemplo argumentativo, essa tautologia é um exemplo do grau expressivo presente nos textos acima. O narrador, ao se retratar ao outro, não consegue ficar indiferente ao tema e tenta torná-lo mais expressivo.

MARCAS LINGÜÍSTICAS DO ENVOLVIMENTO NO GÊNERO EPITÁFIO

Tratamos, até agora, de aspectos do envolvimento que dizem respeito a relações discursivas que podem ser tidas até como extra-gramaticais, pois dizem respeito a interpretações feitas sobre alguns aspectos lingüísticos dos inscritos tumulares. Neste tópico, a nossa abordagem será mais direcionada a alguns elementos gramaticais. Em seu trabalho sobre o envolvimento, Chafe (1985, *apud* GALVÃO, 2004) tratou de dividi-lo em três tipos de envolvimento: o ego envolvimento, que se apresenta nas marcas de primeira pessoa; a manutenção do canal discursivo, que seria o envolvimento do locutor com o outro; e o envolvimento do locutor com o tema, que se expressa pelo uso de algumas palavras pertencentes a classes gramáticas específicas.

Ego envolvimento

O locutor pode estar marcado no texto de duas maneiras, como se pode ver abaixo:

a) o locutor expresso por pronomes de primeira pessoa. Texto (3): “Ele foi bom e justo e grande é a **nossa** dor e maior a **nossa** saudade”.

Como se pode perceber, o autor se insere no texto (3) utilizando um pronome possessivo “nossa”, que indica que a “dor” e a “saudade” são dele e dos demais

parentes. Ao analisarmos o nosso *corpus*, percebemos o uso da forma verbal na primeira pessoa do plural que é predominante no ego envolvimento. Isso se deve ao fato de que o epitáfio, geralmente, não expressa o ponto de vista só da pessoa que formulou o texto, senão de todas as pessoas mais próximas do falecido.

b) o locutor expresso desinencialmente. Texto (5): “**Somos** gratos a Deus, Por **sermos** seus descendentes [...]”.

No texto (5), temos então o autor, inserido num grupo, sendo expresso pela desinência de primeira pessoa do plural “-mos”. Esse exemplo confirma o que foi dito anteriormente sobre a recorrência do pronome de primeira pessoa do plural.

Envolvimento com o outro

Nas análises feitas por Chafe (1985), no que diz respeito a esse tipo de envolvimento, ele se deteve aos elementos responsáveis pela manutenção do canal de comunicação. Então, todos os mecanismos usados na linguagem fática, ou o simples direcionamento ao outro por parte do enunciado, foram enquadrados nessa modalidade de envolvimento. Como se pode pensar, esse tipo de envolvimento só pode acontecer numa situação de diálogo, real ou imaginária. No caso do epitáfio, o que teremos é a já hipotética situação de um pseudo-diálogo entre os vivos e o morto. Nesse caso, o discurso se direciona ao morto, como se este pudesse ler-lo.

O envolvimento com o outro pode ser expresso por meio da nomeação ou, assim como o ego envolvimento, pode ser expresso por meio de pronomes e desinências.

a) O envolvimento com o outro por meio da nomeação: Texto (6): “Morreste **mãe**, subiste para o céu. Mas no mundo deixaste eterno e triste pranto profundo”.

Neste caso o discurso é direcionado ao outro, o leitor hipotético, pelo hiperônimo “mãe”. No texto (2), temos um exemplo em que a autora, a esposa do falecido, se dirige a ele usando o próprio nome do seu interlocutor.

b) O envolvimento com o outro por meio dos pronomes.

Texto (7): “Para **ti** com saudades/ E amor eterno do **seu** esposo,/ Filhos, genros, noras, netos e bisnetos.”

Nesse exemplo, fica clara a falha, quanto à norma culta, do uso do pronome “seu” no lugar do pronome “teu”. Todavia, relevando esse pequeno desvio, fica fácil entender que tanto o “ti” como o “seu” fazem referência à segunda pessoa do singular, no caso em questão, a co-enunciadora hipotética do texto.

c) O envolvimento com outro marcado pela desinência de segunda pessoa.

Texto (8): “Partiste inesperadamente sem concluir o que pretendias, pois o destino assim o quis, saiba que aqueles que aqui ficaram os teus desejos, por mais estejas distante um dia nos encontraremos amamos você!”

Como fica claro no exemplo, as partes em negrito fazem referência ao co-enunciador. Esse exemplo traz, ainda, como curiosidade o uso do verbo imperativo “saiba” que se trata de uma interpelação, ou advertência, feita ao morto, co-enunciador.

Envolvimento com o tema

Neste caso o envolvimento se expressa pelas escolhas lexicais feitas pelo enunciador, que expressam certo grau de afinidade com o tema abordado, no caso, a imagem do morto enquanto vivo. Sendo, segundo Tannen, marcas da conexão emocional existente entre o co-enunciador as suas memórias do falecido.

Texto (3): Ele foi **bom** e **justo** e **grande** é a nossa **dor** e **maior** a nossa **saudade**.”

Os adjetivos “bom”, “Justo”, “grande” e “maior” indicam um julgo sobre o tema abordado, o que é reconhecidamente uma marca de subjetividade. Ao falar sobre o envolvimento com o tema, Chafe trata, especificamente, desse tipo de expressões. Segundo ele, essas palavras que denotam valor ou julgo subjetivo são marcas do envolvimento do autor com assunto. Todavia, esse tipo de envolvimento não se limita à classe dos adjetivos, estando presente, também, na escolha de certos substantivos como “dor” e “saudade”, usados no exemplo acima. É possível notar que eles apresentam certo grau de subjetividade por tratarem de sentimentos ou de idéias sobre o tema, que são, na verdade, próprias do enunciador.

Texto (8): “Partiste **inesperadamente** sem concluir o que pretendias[...]”.

Além dos adjetivos e dos substantivos, constatamos a presença do envolvimento expresso através de alguns advérbios que denotam julgo, como é o caso do advérbio “inesperadamente”, presente no exemplo acima.

5 CONCLUSÃO

Como já foi dito, a temática do envolvimento é tratada pela maioria dos especialistas como sendo uma marca relacionada, e até definidora, da modalidade oral. O nosso trabalho objetivou, então, unir-se a outros trabalhos, como o da autora Rodrigues (1994), que vem defendendo a idéia de que as situações de produção que cercam a modalidade escrita podem sim, influenciar no aparecimento de marcas de

envolvimento. Atestamos, assim, que o envolvimento não é exclusivo da modalidade oral, e nem pode caracterizá-la. Ele é antes um fenômeno que pode aparecer nas duas modalidades.

Rodrigues (1994) aborda que o comando das redações feitas pelos alunos condiciona a presença das marcas de envolvimento. No caso, redações que tem como comando “fale sobre a sua vida!” possuiriam maior número de marcas de envolvimento por tratarem de um tema mais subjetivo, ou seja, a frequência do envolvimento algumas vezes foi decorrente do tema da redação, como por exemplo, o tema: “Minha vida” (RODRIGUES, 1994, p. 83). Dessa forma, “seria impossível o aluno não fazer uso de recursos lingüísticos” (idem, ibidem) que materializam tal concepção. Em se tratando da formulação dos epitáfios, o que se põe aos enunciadores é que o texto fúnebre será a última e perpétua homenagem feita ao falecido, o que pode ser visto como algo semelhante ao caso dos comandos das redações analisadas por essa autora. Todavia, esses exemplos diferem num ponto em especial: não há, de fato, um “comando” na formulação do epitáfio, senão um padrão de gênero, que historicamente utiliza-se do envolvimento. Sendo assim, o envolvimento, no epitáfio, está como uma das características presentes nesse gênero discursivo secundário. O nosso trabalho, então, além de reforçar a idéia de que o envolvimento está presente na escrita, abre um precedente de que esse envolvimento pode ser encarado como uma característica exigida pelo gênero, como é o caso do epitáfio.

Destaca-se que um gênero criado a partir do intuito de “homenagear” aos falecidos se perpetua por meio das necessidades sociais tornando-se uma **fronteira entre a vida e a morte**, uma vez que nos revela por meio de traços lingüísticos a concepção do envolvimento estritamente indissociável de tal gênero.

É notável, portanto, que mesmo havendo mudanças estilísticas e estruturais no decorrer do tempo, não ocorre a perda de sua verdadeira essência, isto é, ainda permanece o sentido que lhe deu origem: o de conservar a memória e homenagear os falecidos por meio da lacunar saudade alheia que consta nos epitáfios.

REFERÊNCIAS

CHAFE, Wallace. **Integration and Involvement in Soeaking, Writing, and Oral Literatura.** In: _____ TANNEN, Déborah. (Ed.), p. 35-53. Tradução: Marise Adriana Mamede Galvão, Recife, 1994, (áudio).

_____.Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In. D.R. Olson; N. Torrance; A. Hildyard (Eds.). **Literacy and Language Learning**. Cambridge Univ. Press: 1985, p. 105- 123. Tradução: Marise Adriana Mamede Galvão, Recife, 1994, (áudio).

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

Epitáfio. **DICIONÁRIO MICHAELIS-UOL-on-line**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 04 maio 2007

GALVÃO, Marise Adriana Mamede. **A topicalidade discursiva: um estudo em digressões na interação em sala de aula**. Araraquara: 2004. Dissertação de doutorado em Lingüística e Língua portuguesa. Universidade Estadual Paulista.

SOARES, Emiliana Souza. **Epitáfio: um gênero na fronteira entre a vida e a morte**.In:_____ I COLÓQUIO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM. Nov. 2007, Natal. Anais em cd-rom.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, Maria das Graças Soares. **Algumas marcas da oralidade na produção textual escrita de alunos de 4ª – e 5ª séries**. 1994. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística). Universidade Federal de Pernambuco. Orientadora: Dra. Dóris de Arruda Carneiro da Cunha.

